

... eternas Maiorias?

É uma questão de tempo, um dia o Bloco de Esquerda terá de assumir a sua crescente relevância política e procurar solidificá-la assumindo responsabilidades locais. Um dia terá mesmo que materializar mais a componente política no reforço das suas estruturas organizativas locais, municipais e intermunicipais, deverá aprofundar e alargar o debate o mais possível dentro da comunidade local e pôr-se ao dispor, por escrutínio eleitoral, toda a acção política que caracteriza o BE, uma esquerda efectiva e genuína, uma esquerda que lhe é própria, uma esquerda transparente e participativa. Uma esquerda de luta, uma esquerda sem medos

Sabe-se, que no território do Portugal Democrático Autárquico há destas coisas, as maiorias. São as demais **maiorias autárquicas absolutas** que foram eleitas democraticamente, e que quarenta anos volvidos continuam democraticamente eleitas até à exaustão e ao ponto de se tornarem por isso **maiorias autárquicas invictas**, maiorias actualmente alimentandas com pressupostos “democraticamente feudais” e estão mais ou menos espalhadas por todo o território nacional e sem excepção partidária. Maiorias que se mantêm oncológicamente no Poder Local, padecendo-se paulatinamente por critérios de sangue, debitando e assegurando novas maiorias geracionais de dirigentes tecnocratas, por vezes de acentuada índole sectária e de bizarra (in)genuidade política. Dirigentes por “decreto” e que primam, cada vez mais, no favorecimento de grupos privados de grupos familiares, locais ou nacionais, dirigentes autárquicos parceiros em danças de gestão capitalista e no jogo de economias locais especulativas.

É este o exemplo das práticas actuais na gestão autárquica, e sabemos também que por causa destas praticas o BE se têm mobilizado (e muito) em torno na luta política mas ainda com uma insuficiente implantação nos órgãos próprios e com poucos resultados práticos na vida da população em geral, nomeadamente no panorama local a somar o evidente alheamento e desinteresse do nosso trabalho político por parte das mesmas populações. Colmatar esta fragilidade terá que se assumir o querer quebrar as obsoletas maiorias invictas proporcionando novas realidades políticas na gestão autárquica, maiorias relativas ou maiorias autárquicas participativas.

Porque a austeridade ainda vigora, o tema deverá ter espaço na campanha que se avizinha, o BE terá de ter a capacidade de clarificar e ractificar um simples e eficiente plano autárquico como instrumento de execução base de uma verdadeira alternativa de esquerda e de ser capaz de o pôr em pratica em qualquer dos órgãos autárquicos. Deverá ter por objetivo políticas de –Zero Encargos - , promovendo políticas livres de despesa extraordinárias e de impostos e taxas municipais inexplicáveis, muitas vezes usurários, deverá ter também a capacidade de repor direitos e políticas sociais básicos, tratar a requalificação urbana como uma mais-valia global na qualidade de vida das populações, fazer a redistribuição de riqueza no abaixamento ou na eliminação de impostos e/ou taxas municipais, fazer aprovar orçamentos municipais não especulativos, e devolver aos munícipes o espaço público e os equipamentos nele contidos com livre acesso e com mobilidade

O BE deverá reivindicar e resgatar todo o capital eleitoral que tem sido menosprezado ao longo destes quarenta anos em democracia, promovendo, divulgando e executando ideias e propostas oriundas da participação cidadã, seja da pessoa singular, seja da pessoa colectiva. Deve estimular a integração de tudo daquilo que é autóctone seja no plano cultural, educativo, ambiental e legislativo e até administrativo, nomeadamente, pela reposição territorial das freguesias e na municipalização do bem comum do interesse público.

O sentimento de pertença deve ser restaurado, contra a globalização, contra a guerra e a favor da originalidade cultural dos povos, sabendo que tudo aquilo que é nosso, é também de todos! O BE deve ser o garante nas políticas anti-corrupção e na gestão pública de todas as riquezas que o território proporcionar, o BE tem de reiterar o combate ao latente abstencionismo e polarizar eleitorado, promover a razão política pelo debate sem complexos e em qualquer lugar. Deverá o BE pugnar-se sempre por políticas transparentes livrando as gerações futuras, de ónus ou encargos político-sociais oriundos de má decisão, garantindo-lhes a consequente igualdade de oportunidades na intervenção e modelação e gestão local futura.

Francisco Morais Morais

Distrito de Setúbal - Seixal